

MOTIVAÇÃO: PENSANDO O ATO DE VIAJAR NA PÓS-MODERNIDADE

Iomara Albuquerque Giffoni

RESUMO: Esse artigo propõe uma reflexão sobre como a globalização vem modificando a estrutura da sociedade, gerando o sujeito pós-moderno deslocado/descentralizado tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo. Trabalha-se com a hipótese que turismo acaba sendo ressignificado por esse sujeito pós-moderno dentro do contexto do lazer. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre turismo e lazer, bem como, tempo social e história social, que contribuem para a construção desse raciocínio. Como resultados do estudo tem-se que turismo e lazer são fenômenos socioculturais complexos, que se manifestam em diferentes contextos conforme os sentidos/significados em que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialógicas dos sujeitos nas suas relações com o mundo. Uma vez que tais relações não são estáticas, lazer e turismo precisam ser pensados dentro da estrutura social atual.

Palavras-chave: Turismo; Lazer, Teoria Geral.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on how globalization is changing the structure of society, generating the postmodern subject shifted / decentralized much of its place in the social and cultural world as himself working with the hypothesis that tourism ends up being reframed by this postmodern subject within the context of leisure. Literature review of tourism and leisure was held, as well as social time and social history that contribute to the construction of this reasoning. As study results has been that tourism and recreation are complex socio-cultural phenomena that manifest themselves in different contexts as the senses / meanings that are produced and reproduced through dialogical relations of individuals in their relations with the world. Since such relations are not static, leisure and tourism need to be thought within the current social structure.

Keywords: Tourism; Leisure, General Theory.

INTRODUÇÃO

MotivaÇÃO... Qual o motivo da ação de viajar? Descanso, trabalho, estar com outros, se isolar, aventura, sossego. Como classificar o turismo na pós-modernidade? Uma opção de lazer ou uma necessidade?

O trabalho ora apresentado é um ensaio sobre o fenômeno turístico, entendendo que fenômeno é “algo que pode ser visto” (Dicionário Houaiss, 2001), sendo pertinente afirmar que diante da realização de megaeventos como a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 o turismo ganha visibilidade. Há que se pontuar que tal notoriedade advém da observância apenas dos aspectos econômicos do turismo. Compreende-se o apelo que tal aspecto trás em si, que faz com que essa atividade tenha a projeção observada em todos os campos, inclusive o acadêmico. Contudo,

aqui, procurar-se-á desconstruir essa visão, pois a hipótese central desse artigo é que antes de ser um fenômeno econômico, o turismo é um fenômeno social.

[...] falar do fenômeno turístico significa dizer de uma ação que está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si [...] Mais especificamente, falar do fenômeno turístico é falar de algo que se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é (PANOSSO NETTO, 2005, p. 104).

Na visão de Moesch (2000) para que se desenvolva uma percepção do turismo para além do saber-fazer referenciado na abordagem meramente econômica, operacional, sistêmica e funcionalista, é necessário utilizar novas categorias de análise. Para essa autora, os referenciais empregados e ressaltados no turismo precisam ser revistos, pois, não alcançam à amplitude de análise multi/interdisciplinar demandada. Logo, para embasar a reflexão aqui proposta, se faz necessário buscar outros referenciais dentro do campo das Ciências Sociais. Nesse sentido Gomes corrobora ao colocar que:

[...] é de fundamental importância considerar outros elementos, priorizando a percepção do homem dentro do processo histórico, político e social inerente a este fenômeno. Neste âmbito, o campo de estudos sobre o lazer – fundamentado principalmente nas Ciências Humanas e Sociais – pode contribuir sobre maneira com as reflexões sobre o turismo enquanto um fenômeno que, além de econômico, conforme nossa compreensão é também sociocultural (GOMES, 2008, p. 3).

Concorda-se com Gomes e Moesch, e assim sendo, entende-se como apropriada à proposição de desenvolver esse artigo sob os referenciais do lazer. A esse ponto, se faz necessário explicitar qual o entendimento de lazer que norteará esse estudo. Sabe que o conceito mais difundido é de autoria de Joffre Dumazedier, para quem o lazer pode ser compreendido como:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

Contudo, tal conceituação foi criticada por Marcellino, por ver o lazer como um mero “conjunto de ocupações”, o autor compreende o lazer como “cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’. O importante, como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência.” (Marcellino, 2007, p. 31). Como aqui se vislumbra a possibilidade de utilizar como categorias de análise o entendimento de “necessidade”, o espaço e tempo, optou-se por trabalhar com o seguinte conceito de lazer:

[...] como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p. 125).

O turismo é fruto da ação humana. Sendo também uma das formas pelas quais ele expressa o seu modo de vida, sua temporalidade, sua cultura, conseqüentemente sua identidade. Em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (2004), explica que as identidades modernas estão entrando em colapso da seguinte forma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2004, p. 9).

Para Hall (2004, p.13) esse processo produz o sujeito pós-moderno, cuja identidade não é fixa, mas formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais nos quais estamos inseridos.

Veja bem, o turismo tal qual o conhecemos hoje, surge dentro do contexto da Revolução Industrial, fruto de uma conjuntura que tem como elementos o êxodo rural para os centros urbanos em busca de trabalho nas indústrias; a regência do

tempo pelo relógio e não mais pela natureza; da desestruturação da hierarquia familiar; da alienação gerada pelos “choques” de estudados por Simmel¹, que irão atuar sobre o psicológico do homem gerando o stress, que terá como resultado a necessidade de descanso / quebra do cotidiano que se concretizarão na luta pelo direito as férias remuneradas.

Atualmente Hall nos descreve outra realidade, aonde a globalização vem paulatinamente modificando a estrutura da sociedade, gerando o sujeito pós-moderno deslocado/descentralizado tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo. Trabalha-se com a hipótese que de por/para esse sujeito pós-moderno, o turismo acaba sendo ressignificado dentro do contexto do lazer como uma necessidade. Fato é que, esse é o ser humano que caminha nas ruas das cidades da atualidade, que dentre suas significações está a de destino turístico.

Enfim, esse artigo tem como proposta refletir sobre a possibilidade de ressignificação do turismo pelo sujeito pós-moderno enquanto uma necessidade de deslocamento para outro espaço / tempo, por meio da qual ele pratica o ócio e que esse é uma das opções de lazer que além de desenvolver o entendimento das práticas sociais e culturais, deve ser incentivado numa perspectiva contra hegemônica.

O recorte temporal aqui adotado será o da pós-modernidade, definida por Hall (2004, p.34) como a segunda metade do século XX, até os dias atuais.

TURISMO E LAZER

O primeiro conceito que vai balizar esse estudo é o de que turismo é um fenômeno humano! Para além do referencial econômico - capitalista expresso no conceito adotado pelo Ministério do Turismo que pode ser visto a seguir.

É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos, efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e

¹ Georg Simmel – sociólogo alemão analisa como a vida nos centros urbanos impacta sobre o ser humano, destacando o fenômeno do embotamento dos sentidos: a imensidade de estímulos gerados pelas intensas atividades urbanas (intensificação da vida nervosa) tinham seu reflexo na personalidade do indivíduo, gerando sujeitos que iam perdendo sua capacidade de relação com seu meio circundante.

temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 1992).

Ou da Organização Mundial de Turismo – OMT (1991) afirmar que o turismo é um fenômeno econômico e social, e adota uma conceituação com cunho menos econômico.

Turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros (Organização Mundial de Turismo, 1994).

Identifica-se nas abordagens sobre o tema que ele é sistematicamente entendido e conseqüentemente estudado sob a luz dos seus aspectos quantificáveis. Isso é visível na definição de Mario Carlos Beni (2003) do que vem a ser o objeto do turismo:

O elemento concreto do fenômeno traduzido no equipamento receptivo e no fornecimento dos serviços para a satisfação das necessidades do turista, que se denomina Empresa de Turismo. Ela é complexa e, em grande parte, responsável pela produção, preparação e distribuição dos bens e serviços turísticos. Pode-se conceituar “bem turístico” como todos os elementos subjetivos e objetivos ao nosso dispor, dotados de apropriabilidade, passíveis de receber um valor econômico, ou seja, um preço.

Esse fato é também verificado na abordagem histórica adotada e como já colocado por Giffoni (2015), na maior parte da literatura existente a cerca da gênese do turismo, que ela se apoia na sua “concretude”, ou seja, nos elementos concretos do fenômeno para demonstrá-lo. Dessa forma, são apontados como marcos da sua história os momentos em que surgem os elementos estruturais da atividade turística: a existência de estradas pavimentadas, a construção de hotéis, a escrita do primeiro guia de viagens, dentre outros. A conclusão que a referida autora chega é que esse tipo abordagem não dá conta da totalidade dos elementos constitutivos da atividade turística, considerando que abarca somente mundo ocidental, ignorando oriente; que muitos autores cometem anacronismos ignorando que este é um fenômeno pós-revolução industrial e que pouca ênfase é dada à transformação na estrutura social no momento da revolução industrial.

Acredita-se que tal fato decorra de uma das características peculiares ao Turismo, que é a sua amplitude. Numerosa é a quantidade de elementos componentes do fenômeno e que perpassa por diversas áreas do conhecimento como o lazer, geografia, administração, história, sociologia, dentre outras. O que se reflete na grade curricular desse curso, que na maioria dos casos, se configura mais em uma colcha de retalhos do que na pretendida inter, multi e transdisciplinaridade.

As pesquisas realizadas trazem múltiplos olhares que, ainda que sejam idôneos pertinentes e embasados, não explicam especificidades do turismo, gerando um conhecimento compartimentado. Ouriques (2005) identifica quatro linhas de interpretação e análise do turismo.

A primeira, pautada pela concepção mais estritamente economicista de cunho predominantemente liberal; a segunda, pautada pelo desenvolvimento planejado (por tanto, por meio do Estado) que inclui, mais recentemente, a “questão ecológica”; terceira, que chamamos aqui de “pós-moderna”, pauta-se pela crítica ao turismo em massa e pelo elogio “a diferenciação e/ou segmentação do mercado turístico, com ênfase na cultura, patrimônio histórico e natural, e incorpora premissas modernistas das concepções anteriores; e, finalmente, o enfoque crítico, que enfatiza veementemente os aspectos do consumo e produção destrutivos da atividade turística (OURIQUES, 2005, p. 70).

O que leva à reflexão de que é necessário um olhar de dentro para fora e não de fora para dentro. Aponta-se que para se produzir o entendimento do fenômeno em si, tais pesquisas carecem do diálogo com os demais elementos.

O fenômeno turístico é um fenômeno social e deve ser concebido em sua totalidade. Sua dimensão vai além das questões ligadas à economia, à política e à cultura de uma sociedade, pois está ligada à experiência de cada pessoa que se envolve ou pratica o turismo. É nesse aspecto que podemos considerar que o mesmo é um fenômeno e que esse deve ser estudado e analisado sob a luz das ciências sociais (MELQUIADES, 2011, p. 139).

Somando-se a isso, e como colocado no início desse trabalho, é necessário à busca de outras abordagens de estudo próximas ao fenômeno. Nesse sentido, lazer e turismo possuem uma grande similaridade.

No caso do turismo, destacamos que este se trata de um fenômeno humano, marcado pela mobilidade/deslocamento de pessoas, estimulado por uma motivação (ou várias motivações combinadas). A essência do lazer

por sua vez, é a vivência lúdica de manifestações culturais (que podem ser diversas atividades ou até mesmo o ócio) em um determinado tempo/espaço. Nessa relação dialógica, enquanto o turismo representa uma possibilidade de lazer, este constitui uma das motivações para o turismo (GOMES, 2010, p. 40).

Turismo e lazer se entrelaçam e muitos são os elementos dessa área do conhecimento que contribuem para esse ensaio.

MOTIVAÇÃO

Inicia-se essa seção buscando o conceito de tempo social de Thompson (1998), no qual o autor identifica a gênese da Primeira Revolução Industrial na difusão do uso relógio, modificando a noção de tempo existente na sociedade pré-industrial e adequando os homens ao sistema fabril, condicionando-os e disciplinando-os através da regulamentação do tempo.

Para Stadnik (2001), a Segunda Revolução Industrial (séculos XIX e XX), foi responsável por uma transformação nos modelos de lúdico, criando dois tempos distintos: o tempo de trabalho e o tempo de lazer. A partir desse momento, a sociedade industrial “atribuiu ao tempo um valor singular, pois se tornou um bem raro diante das longas jornadas de trabalho. Devido a sua raridade, o tempo para se dedicar ao descanso e às atividades livres de obrigações passou a ser um bem de extremo valor social” (DANTAS, 2011).

Destacando o caráter desobrigado do lazer Dumazedier irá afirmar que:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2004, p. 34).

Luis Otávio Camargo (1989) amplia e sistematiza as propriedades que uma atividade deve ter para ser considerada lazer.

1. Escolha pessoal: há uma relativa liberdade de escolha pessoal sobre “o que fazer” no tempo livre, ainda que influenciada por modismos, pela mídia, por aspectos culturais, sociais, econômicos ou políticos, conscientes ou não;
2. Gratuidade: nas atividades de lazer não há intenção de remuneração, de receber qualquer pagamento por sua prática, diferenciando-se das atividades de trabalho;
3. Prazer: a motivação para a prática do lazer é a busca pelo prazer, pela satisfação pessoal;
4. Liberação: uma característica marcante do lazer é estar livre das obrigações do dia a dia, fazendo coisas diferentes da rotina de trabalho ou daquelas outras ocupações do tempo com afazeres domésticos, ou de responsabilidade com horários, compromissos familiares ou sociais.

Pois bem, a esse ponto a pergunta que naturalmente nos vem é: quais seriam as atividades que gratuitamente escolhemos e nos proporciona prazer, liberação. Para Dumazedier (1979) isso se refere aos conteúdos do lazer, que ele classifica em cinco campos fundamentais: os interesses físico esportivos; os sociais; os artísticos; os manuais e os intelectuais. Aos quais Camargo (1986) acrescenta um sexto, relacionado aos interesses turísticos.

Lazeres turísticos – nessa classificação inclui-se a busca por novas paisagens, por culturas, lugares e pessoas diferentes, utilizando a prática do turismo, ou seja, do deslocamento e da permanência fora do seu local de domicílio e dos usos dos serviços inerentes a atividades como transportes, hospedagem, guias de turismo para conduzir aos atrativos naturais, culturais ou diferenças do lugar (CAMARGO, 1986, p. 56).

Segundo Elias e Dunning (1992) Podem distinguir-se cinco esferas diferentes no tempo livre das pessoas, as quais se confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que, todavia representam categorias diferentes de atividades. Sendo a categoria das atividades miméticas ou jogo, aquelas que possuem caráter de lazer, que produzem a agradável sensação de excitação prazer, quer façamos parte nelas como ator ou como espectador. Essas atividades estão diretamente associadas à quebra da rotina, ao inesperado, características essas, da excitação mimética.

Já Leopoldo Gil Dulcio Vaz (1999) sugere que para cada um dos tipos de lazer pode-se relacionar uma série de funções, dentre as quais se destaca a função compensadora, caracterizada por atuações que, de alguma forma, contribuem para minimizar as insatisfações das outras áreas da vida. O que nos remete a colocação de Gomes et al. (2008) de que hoje vivenciamos um aumento da preocupação com o lazer, enquanto um dos fatores fundamentais para a promoção da qualidade de vida, a qual também se constrói a partir da vivência dos chamados conteúdos turísticos.

As vivências de lazer não devem ser tratadas como meros recursos metodológicos, mas como manifestações culturais que adquirem significados singulares em cada contexto e são essenciais para o turismo, uma vez que constituem o acervo cultural e o patrimônio histórico-social que se deseja apreender (GOMES et al. 2008, p. 4).

Mas será Marcellino (2007), que irá compreender o lazer como cultura, em sua opinião o lazer é passível de ser entendido a partir da combinação do tempo e da atitude. Onde atitude se refere à relação estabelecida entre o sujeito e a experiência vivida, consequência de uma escolha pessoal e prazerosa. Quanto ao tempo é aquele disponível pelo indivíduo, após se desvencilhar das obrigações profissionais, familiares, sociais e religiosas, ou seja, o tempo da não obrigatoriedade.

[...] compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’. O importante, como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2007, p. 31).

Procurando entender as relações entre lazer e turismo tal qual elas se apresentam nas estruturas socioculturais, estudadas nas abordagens pós-modernas, extrai-se que muito do que foi estudado em um campo do conhecimento, aplica-se ao outro e vice-versa. Finaliza-se então com uma citação de Panosso Netto (2005), a qual apesar de focada no turismo entende-se como aplicável ao lazer e as questões centrais aqui colocadas.

[...] sabemos que experiência é vivência e também história. Essa experiência é fenômeno, então é correto dizer que o turismo é um fenômeno. A pergunta que se faz é: Que tipo de fenômeno é o turismo? [...] Então podemos dizer que o turismo é um fenômeno de experiências vividas de maneiras e desejos diferentes por parte dos seres envolvidos, tanto pelos ditos turistas quanto pelos empreendedores do setor (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Turismo e lazer são fenômenos socioculturais complexos, que se manifestam em diferentes contextos conforme os sentidos/significados em que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialógicas dos sujeitos nas suas relações com o mundo. Uma vez que tais relações não são estáticas, lazer e turismo precisam ser repensados continuamente, precisam ser pensados dentro da estrutura social atual.

Ainda que sem intencionalidade e realizados separadamente, os estudos do turismo e do lazer parecem convergir para o entendimento dessas atividades como uma prática social com base cultural, ligada as necessidades, deveres e obrigações do indivíduo, dentro do espaço/tempo em que ele se localiza, mas ao mesmo tempo repleta de subjetividade.

Enfim, nesse ensaio buscou-se construir outro entendimento do fenômeno turístico, para além dos aspectos econômicos, que reconhece a importância das mudanças na estrutura social como fator determinante para o surgimento de outro sujeito, de outro significado para o turismo, onde a motivação para o ato de viajar seja entendido a partir da perspectiva humana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 8.ed. São Paulo: Senac, 2003.

BRASIL. **Dicionário do Turismo**. Ministério do Turismo. Disponível em: <<http://institucional.turismo.gov.br>>. Acesso em: 23 ago. 2007. EMBRATUR, 1992.

CAMARGO, Luis Octávio de L. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANTAS, Simone. **Lazer**. V.1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer**. Tradução: Silvia Mazza; J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GASTAL, S.; MOESCH, M. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. – (Coleção ABC do Turismo).

GIFFONI, I. A.. **Você tem fome de que? Reflexões sobre o estudo de história do turismo**. In: IX Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. 2015, Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2015/12/13.-Voc%C3%AA-tem-Fome-de-Que-Reflex%C3%B5es-sobre-o-Estudo-de-Hist%C3%B3ria-do-Turismo.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2016 às 15:16h.

GOMES, C. L.; ALMEIDA, F. A. B.; LACERDA, L. L. L.; Isayama, H.F.; SILVA, S. R.; FARIA, J. A. S.; SOUZA, T. R. **Turismo e Lazer: Reflexões no Contexto da Pós-graduação stricto sensu no Brasil**. In: IV ANPTUR - Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, 2007, São Paulo. Anais do IV ANPTUR. São Paulo: Aleph, 2007, p. 1-15.

_____; SOUZA, T. R.; RAMOS, A. M. O. ; SOUZA, C. A. G.; VEIGA, R. T. **Currículo e Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Turismo: Buscando fundamentos para compreender a inserção de conhecimentos sobre o lazer na Graduação em Turismo em Minas Gerais**. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - SeminTUR, 2008, Caxias do Sul. V SeminTUR - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2008. Disponível em: http://www.uces.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt03-05.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013 às 10:54h.

_____; PINHEIRO, M.; LACERDA, L. L. **Lazer e Turismo**. In: Lazer, turismo e Inclusão Social: Intervenção com Idosos. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: LOURO, G.L.; SILVA, T. T. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOUAISS, A., Villar, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCELLINO, N.; BARBOSA, F.; MARIANO, S. **Lazer, Cultura e Patrimônio Ambiental**. *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.3, p.11-16, dez. 2007.

MELQUIADES, T.; TADINI, F. R. **Fundamentos do Turismo**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. V.1.

MOESCH, M. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____; **Para Além das Disciplinas: O Desafio do Próximo Século**. In: GASTAL, Susana (Org). *Turismo Investigação e Crítica*. São Paulo: Contexto, 2002.

OMT. **Introdução ao Turismo**. Trad. Dolores Martin Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

OURIQUES, H. R.. **A Produção do Turismo: Fetichismo e Dependência**. Campinas: Alínea, 2005.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Alef, 2005.

SILVA JUNIOR, J. H.. **A Política Interna de Turismo no Brasil (1992-2002)**. Belo Horizonte: FACE-FUMEC, 2004.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 2.ed.

STADNIK, Adriana Maria Wan. **A Importância do Lazer Criativo dentro da Perspectiva dos Novos Mercados de Trabalho**. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

THOMPSON, Edward P. **Tempo, Disciplina de Trabalho e o Capitalismo Industrial**. In: *Costumes em Comum*. Tradução: EICHEMBERG, Rosaura. São Paulo: Schwarcz, 1998, p. 267-304.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. **O Profissional de Turismo e Lazer**. 1999. Disponível em: *Lecturas: EF y Deportes: Revista Digital*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd65/lazer.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2013.